

# VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS  
= ESPOSENDE =

ANO I  
FEVEREIRO DE 1958

Composição e Impressão:  
Escola Tipog. da Officina de S. José  
= BRAGA =

## PARA O BRASIL

( Carta da Mulher ao Marido )

" Pobres regras! Nem eu sei,  
Nem os Anjos saberão:  
— Irão dar à tua mão? —  
Mas embora! Escrevo á lei  
Do meu triste Coração... "

" E nem eu sei, afinal  
Se mandarei esta carta:  
Serão tristezas á farta:  
E não deve ser o mal  
Fátia que se reparta... "

Uma carta é o céu aberto!  
Mas as cartas do Brasil  
São areias num deserto:  
O vento leva-as, ás mil;  
Não traz nenhuma, decerto!

Que importa! diga o que sinta.  
Desafogue a minha magua,  
Pois ela quer que eu não minta;  
— Sejam lágrimas de tinta,  
Em vez de lágrimas de água... —

Desde que foste, ao desvio  
D'aquela roda, a navegar,  
A minha alma é um negro mar  
— Onde não vejo o navio  
Em que tu hás-de voltar! —

Amor! desde que partiste,  
Tudo é noite, á minha roda;  
Ou a própria luz é triste,  
Ou, quando te despediste,  
Levaste a alegria toda!

Ai de quem espera alguém...  
— Tardos navios, andai!  
( Ó vai-vens do mar, para!... )  
Para os cá, nenhum vem;  
Para os de lá, nenhum vai! —

Ó caminhos desleais!  
Levastes a minha vida?  
— Já que tantas voltas dais,  
Podets dar muitas mais  
E demorar-lhe a partida! —

Nossos filhos pequeninhos  
Bem sei que são meu amparo;  
Mas andam pelos caminhos,  
Tão pobres e tão rotinhos  
Que o próprio sol faz reparo!

Quem vale, de quando em quando,  
São as Senhoras da Quinta:  
Tem pena da "Faminta",  
Com modo tão lindo e brando  
Que faz bem a quem o sinta!

Também o nosso Reitor  
Nunca se esquece de mim:  
Pelo Natal, foi assim.  
Na Páscoa, trouxe o Senhor,  
E eu puz á porta alecrim.

Escuta, Amor! Vem embora!  
Trabalho, todos darão,  
E os filhos precisam pão...  
Tanto como o pão, agora  
Precisam de educação.

Por mim que posso fazer?  
Ando fóra, ao vento e á chuva;  
Não passo de ser mulher...  
Vinha de ti meu poder:  
E sou quase uma viúva!

E agora, adeus, Manuel...  
Vejo-te, na minha frente.  
Mas não como antigamente...  
Escureceu-me o papel!  
Pouso a mão de repente!

Adeus! Que noite tão fria...  
Mas, hoje, tivemos ceia!  
Adeus... Lá morre a candeia  
Sem azeite... A almotolia  
Há quanto que não foi cheia!

P. S.:

" Adeus... Cortei, sobre o atalho  
Este ramo de supol:  
— Saudades que n'ele espalho  
Lágrimas são, como o orvalho;  
E os beijos, raios de sol! "

António Corrêa d'Oliveira

(De «A Minha Terra»)

Há mais de um ano que a doença, grave e dolorosa, retem no leito o Sr. Dr. Corrêa de Oliveira.  
Quanto os nossos pobres devem a esse Homem Venerando, que nos encanta com sua simplicidade,  
só depois da sua morte o saberemos.

O Senhor lhe mitigue os sofrimentos e o conserve por muitos anos. É esta a nossa prece.

# OS DOIS VALENTES

Chovia. Uma chuvinha peneirada que enchia a tarde de moinha e não deixava distinguir as coisas. No largo em frente da Venda Nova, ninguém. Só o inverno a merujar. Por detrás das vidraças da venda havia luz acesa.

— Boas noites, minha gente. (Era quase noite).

O Zé da Fonte fechou o guarda chuva (aquele guarda chuva largo como um coberto, que herdou do seu falecido avô) e demorou-se a limpar as botas à soleira.

— Janeiro molhado...

Os do costume lá estavam. O Mendes, o Sousa e o Fontes. No paleio como sempre.

O Zé da Fonte quando viu o Sousa mandou vir um quartilho. Ele já sabia que ia haver discussão. E precisava de ganhar forças. Era sempre assim. Quando se encontravam os dois nunca se entendiam. Palavra puxa palavra, quartilho puxa quartilho, discutiam, berravam, exaltavam-se. No auge da discussão insultavam-se mutuamente e pronto: davam por terminada a questão. No fundo eram amigos.

— Se você não fosse um velho com essa idade...

O Zé da Fonte arregaçava as mangas. Arregaçava sempre as mangas quando a discussão chegava a esse ponto.

— O que lhe vale é ser pai de filhos, se não...

— Se não quê?

— Esmigalhava o, ouviu? Ouça destas.

— Você?

— Eu.

— Cale-se.

— Schiu.

\* \* \*

Às vezes passavam horas a discutir. O tempo, os nabais, as vidas alheias. Um a dizer, outro a desdizer.

O Zé da Fonte esmurrava a mesa fazendo de conta que esmurrava o Sousa. E o Sousa cuspiu furiosamente no chão como se escarrasse nas ventas do Zé da Fonte.

Quando este chegasse ao ponto de arregaçar as mangas, era sabido o resto da discussão.

— Se você não fosse pai de filhos...

— Cale-se. O que lhe vale a si é ser um velho dessa idade.

— Grande animal!

— Ah seu camelo!

E os dois retiravam-se satisfeitos, cada qual por ter classificado o adversário no reino dos quadrúpedes.

\* \* \*

Mas desta vez o Zé da Fonte arregaçou as mangas, insultou o Sousa e o Sousa insultou-o a ele e a discussão não ficou por aqui.

— Pois fique sabendo que não chegará direito a casa.

— Venha preparado que pelo caminho vai ter visitas.

E o Zé da Fonte saiu a bater com o guarda chuva no chão (aquele guarda chuva amplo) fazendo de conta que batia com ele no lombo do Sousa.

— Olha o menino...

Chap chap. Caminhos enlameados e uma noite escura de breu.

— Que caminhos!

Mas lá ao fundo, à direita, antes da casa da tia Engrácia, estava alguém parado. A esbracejar e a ameaçar. Custava a distinguir mas não havia dúvidas: era um homem. Mau! Seria o Sousa? Mas o Sousa ainda ficara na venda. A não ser que o Sousa tivesse cortado pelo atalho e o viesse esperar.

— Olha que complicação!

O Zé da Fonte parou. Francamente não gostava de barulhos. Não que tivesse medo. Qual quê. Ainda há gente forte em Portugal! Mas, enfim, o Sousa era pai de filhos. Ele devia ter pena dele. O melhor era voltar para trás, aconchegar o estômago com mais uma pinguita na venda até que viesse a madrugada e o Sousa se retirasse. Isso mesmo: voltar para trás. E satisfeito com a sua generosidade em favor do Sousa voltou para trás.

\* \* \*

A verdade é que depois do Zé da Fonte sair, ainda o Sousa se demorou na venda. Demorou-se, cuspiu no chão como quem cospe nas ventas do Zé da Fonte, e saiu.

( Continua na 4.ª página )

# == CORRESPONDÊNCIA ==

Meu caro Senhor Reitor:

A sua simpática iniciativa de estabelecer contacto espiritual com os seus paroquianos, que a emigração levou para paragens longínquas, merece (como já tive ensejo de lhe afirmar verbalmente) o meu caloroso aplauso, e, naturalmente, o de todos que compreendam a sua cristã intenção: — não perder de vista as ovelhas do seu rebanho, esmagadas pela necessidade por terras que não são a sua, e onde, tantas vezes, se desviam dos caminhos de Deus.

Além de lhes pastorear as almas, a «VOZ DE ANTAS», muito deve contribuir para que, desenraizados do solo natal, neles não esmoreça o sentimento da Pátria, o que representa, pela sua parte, uma louvável acção cívica.

Quero, também, louvá-lo pela forma como realizou grãficamente a sua bonita ideia. O jornalsinho está, dentro da sua necessária pequenez e da sua simplicidade; alegremente arrumadinho e bem impresso.

Parabéns!

Não pelo nascimento, mas pelo amor que lhe tenho, eu sou quase um filho de Antas. Pelo nascimento e pelo amor, minha Mulher é, totalmente de aí. E, embora sem grande distância material a separá-la do seu torrõesinho natal, poderemos considerá-la, também uma... exilada. De aí, a obrigação, que eu sinto, de, materialmente, ajudar a sua iniciativa, enviando-lhe a pequena e inclusive quantia, através de qual nos consideramos, desde já assinantes de a «VOZ DE ANTAS».

Lisboa, 23-VII-57

Semi-paroquiano e Amigo

*Corrêa d'Oliveira*

## Dia do Emigrante

O 1.º Domingo da Quaresma é dedicado pela Santa Igreja a orar pelos emigrantes.

Não esqueçamos, nesse dia, os nossos que trabalham no estrangeiro.

Azevedo Neiva (França) — Estimo e agradeço muito vossas notícias. A ti e ao Albino obrigado pelos 6.000 francos.

Amândio (Canadá) — Recebemos tua carta. Os companheiros de J. A. C. saudam-te.

Durrães Moreira (França) — O Senhor o acompanhe.

Emílio (Melange) — Obrigado pelas notícias.

Amadeu Meira (Brasil) — O Senhor o ajude e a toda a família para que um dia regressem à terra que os viu nascer.

Alô!... Alô!... Aqui Cufma.

Também cá chegou o pequenino jornal da nossa terra. Pequenino nas dimensões, mas grande, excepcionalmente grande, no ideal que se propõe realizar. Que o Senhor lhe conceda dilatados anos de existência para continuar a alegrar, cada vez com maior intensidade, os corações dos que se encontram longe! Bendito iniciativa em boa hora levada a cabo!

A avellar por mim próprio talvez que essa folha de reduzidas dimensões tenha feito derramar muitas lágrimas de saudade!... Lágrimas de saudade, sim, mas também e sobretudo lágrimas de alegria por verificarmos que os nossos conterrâneos pensam em nós e rezam por nós!... Também os ausentes pensam em nós! Também os de longe conservam gratas recordações da vossa amizade desinteressada e suspiram pelo dia em que vos possam voltar a ver e abraçar! Quantas e quantas vezes (nos momentos das dificuldades, nas horas amargas da vida, durante as noites de insónia, quando os contratempos, os desânimos, as dúvidas e as tentações nos batem à porta) o nosso pensamento voa até ao longínquo torrão que nos viu nascer?!...

A «VOZ DE ANTAS» vem-nos dizer que vós pensais nos filhos de S. Paio que labutam longe da terra, da família, dos amigos... Para todos vós, caros conterrâneos, mas dum modo muito particular para o zeloso pároco a quem o Senhor confiou os destinos espirituais da nossa terra: vai a expressão mais viva e sentida da gratidão imensa dos filhos de Antas que se encontram longe, o mais humilde dos quais é o

Cufma, Janeiro de 1958

*P.º António Fernandes de Sá*

## Tomada de Hábito

Domingos de Matos Vitorino, filho de Domingos Martins Vitorino e Paulina Gomes de Matos, tomou o hábito, a 2 de Fevereiro, na Congregação do Espírito Santo.

Parabéns.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica

# = NOTICIÁRIO =

## Baptizados

*Manuel Armindo da Rocha Rolo*, filho de Serafim Meira Rolo e de Maria Emília Gramosa da Rocha, residentes no lugar de Guilheta. Recebeu o baptismo em 12/1.

*Manuel António Persira da Cunha*, recebeu o baptismo em doze de Janeiro. Pais: Manuel Rodrigues da Cunha e Cândida Gonçalves Pereira; residem no lugar de Belinho.

*Maria Glória Rolo da Silva*, recebeu o baptismo em 12/1. Pais: António Oliveira da Silva e Olinda Meira Rolo, residentes em Guilheta.

*Manuel Meira Couto*, baptizado a dezanove de Janeiro, é filho de Manuel Gonçalves Couto e Rosária Rodrigues Meira, residentes em Guilheta.

*Eduardo da Cruz Rolo Viana*, filho de Abel Alves Rolo Viana e de Cândida Alves da Cruz Viana, residentes em Guilheta; recebeu o baptismo a 19/1.

*Mariana Viana da Cruz*, recebeu o baptismo a vinte de Janeiro, filha de Manuel Alves da Cruz (Lindinho) e de Alzira da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte.

*Manuel Alberto de Faria Viana*, recebeu o Sacramento do baptismo a seis de Janeiro. Pais: Alberto Pereira Viana e D. Maria Emília Barros de Faria, professora oficial.

*Maria Amélia de Azevedo Torres*, filha de José Isírio de Meira Torres e de Maria da Cruz Azevedo, residentes no lugar de Belinho; foi baptizada a 2/2.

*José António da Costa Faria*, baptizado a 2/2; é filho de Cândido Moreira de Faria e de Emília Pereira de Costa, do lugar de Freixo.

## Casamentos

Manuel Viana Caramelho e Olívia Pires Lapeiro, do lugar de Guilheta. Casaram em 18/1.

— Em 9 de Fevereiro casaram: António Gonçalves Caramelho, com Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro Neves.

E José Ferreira Gregório, com Maria Celine Ribeiro Neves Lapeiro.

— Aurélio de Almeida Torres Neiva e Maria Rodrigues Dias, residentes em Azevedo. Casaram a 15/2.

## Partiram ...

Para o Congo Belga: Vasco Miranda Ferreira, solteiro, de 26 anos.

Para a Argentina: Albino Pires Laranjeiro e Alexandre Pires Laranjeiro, casados. Vieram em Julho para visitar as famílias.

António Azevedo da Cruz, de 19 anos, foi para a companhia do pai: Carlos da Costa Cruz.

Fernando da Costa Rolo, de 18 anos, foi para a companhia do tio, Cândido Alves Rolo Novo.

— A freguesia é uma família, deve ser uma família. A Igreja é o lar; o pároco é o pai, o chefe; os filhos sois vós.

O vosso Reitor, como pai e amigo, sente as vossas alegrias e tristezas; e por isso ele gosta de despedir-se de todos quantos partem para longe, e todos tem uma palavra a dizer e uma lembrança a dar.

O Senhor vos acompanhe e que um dia volteis não só mais ricos de bens materiais mas também, e ao menos, com a mesma fé e Amor a Deus com que partistes.

# OS DOIS VALENTES

( Continuação da 2.ª página )

Mas para se não encontrar com ele ( não que tivesse medo, nada disso ) endireitou pelo atalho. Mas pouco depois do atalho desaguar na estrada, também ele vê lá em baixo, junto da casa da tia Engrácia, à direita, o mesmo homem a esbracejar e a ameaçar.

Mau! Seria o Zé da Fonte? Pois era concerteza.

— Olha que espiga!

Se bulhassem ele, Sousa, era capaz de o derreter. Mas era um crime esfregar assim um velho. O melhor era voltar para a venda, tomar uns copitos enquanto o dia não vinha. E depois, se o Zé da Fonte ainda lá estivesse, então sim dar-lhe-ia uma boa ensaiadela que ele bem precisava. E voltou para a venda.

\* \* \*

— Truz... Truz... Truz...

Dentro da venda, o Zé da Fonte já ressonava.

— Truz, truz, truz.

— Hein...

— Abra, sr. Manuel, que sou eu.

Mas o sr. Manuel já dormia no andar de cima. E o Zé da Fonte foi abrir.

Quando se viram um em frente do outro ficaram sem fala.

— Oh.

— Oh.

E resolveram tomar um copo à saúde de todos os valentes de S. Paio.

\* \* \*

Ao outro dia, do lado direito do caminho, no campo da tia Engrácia, lá estava ainda um grande espantalho de palha que a tia Engrácia dependurara no lateiro, para afugentar os pardais que lhe davam cabo da horta.